

A pandemia de covid-19 em 2020 e o trabalho docente

Soraia Sabbat Guedes Campos Galdi*
Cláudia Helena Azevedo Alvarenga**

Introdução

O trabalho docente tem sido alvo de diversos estudos e pesquisas no campo das representações sociais, introduzidas por Moscovici em 1961, em sua obra *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Entendidas como um fenômeno social pelo autor e, posteriormente, transformadas em teoria por seus discípulos, a Teoria das Representações Sociais abrange diferentes abordagens metodológicas, valorizando o conhecimento do senso comum com o intuito de compreender os significados atribuídos pelos sujeitos e grupos sociais a um novo objeto instituído no cenário social.

Com a pandemia de covid-19 em 2020, o processo de ensino-aprendizagem foi transferido do espaço presencial para o virtual de forma repentina e não planejada, modificando o contexto educacional e trazendo à tona novos significados para o trabalho docente, instituídos em um novo cenário social. As práticas educacionais familiares foram substituídas por tecnologias digitais pouco conhecidas no contexto escolar, e o professor se viu diante de uma nova modalidade de ensino com a qual precisava familiarizar-se, rapidamente, por intermédio de

meios e modos de ensinar não usuais em sua prática cotidiana.

As mudanças instauradas no âmbito da educação, decorrentes de um contexto de incertezas, impactaram o trabalho docente como nunca havia ocorrido antes, provocando uma reviravolta para a qual a escola não estava preparada. Ao mesmo tempo, tais mudanças tiveram um efeito catalisador para as transformações de que a escola necessitava, servindo como objeto de estudo de muitas pesquisas – em especial, no campo das representações sociais, por tratar-se de um objeto novo no cenário social, sujeito a novas representações por parte dos sujeitos sociais.

O presente artigo, derivado dos estudos de mestrado, pretende revisitar significados atribuídos ao trabalho docente na educação básica em contexto social anterior à pandemia, contrastando-os com significados instituídos em 2020. Pretende, ainda, analisar as representações de futuro acerca de trabalho docente expressas no discurso de diferentes autores, a partir de seus argumentos, tendo como instrumento metodológico a análise retórica proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996).

* Mestra em educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA/2023), com especialização em língua inglesa. Bolsista CAPES/PROSUP enquanto mestranda. Professora de língua inglesa do Colégio Militar do Rio de Janeiro desde 2004, onde exerce também a função de coordenadora de nível.

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESA. Doutora em educação pela UNESA. Professora aposentada do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Metodologia de pesquisa

Como quadro teórico que fundamenta nosso estudo, utilizamos as representações sociais de Moscovici (2012 [1976]), em que um novo objeto surgido no cenário social adquire novos significados em interações comunicativas e, assim, novas representações. Para Sá (1998, p. 43),

reserva-se aos meios de comunicação de massa um papel destacado na compreensão dos processos de formação e circulação das representações nas sociedades contemporâneas.

Moscovici (2012) defende as representações sociais acerca de um determinado objeto – constituídas no senso comum a partir de trocas comunicativas – como um conhecimento leigo válido, em oposição ao conhecimento científico. Segundo o autor,

As representações sociais são entidades quase tangíveis; circulam, se cruzam e se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo cotidiano. A maioria das relações sociais efetuadas, objetos produzidos e consumidos, comunicações trocadas estão impregnadas delas (Moscovici, 2012, p. 39).

O instrumento metodológico usado neste estudo para expor representações acerca de trabalho docente é a análise retórica, que nos permite examinar os esquemas de raciocínio que expõem as representações do sujeito social a respeito do objeto não familiar. A Nova Retórica, recuperada da retórica aristotélica por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), pressupõe que a dinâmica da comunicação se dá a partir da tríade orador-auditório-discurso (*ethos-pathos-logos*), e que o discurso bem-sucedido é aquele em que o orador – aqui entendido como quem fala ou escreve – obtém a adesão do auditório à sua tese a partir de argumentos construídos com base em objetos de acordo.

O sucesso da comunicação, portanto, depende da interação entre os três elementos, e da adesão do auditório aos argumentos identificados pelo orador como objetos de acordo facilmente aceitos pelo auditório, os chamados *lugares-comuns* da argumentação. Segundo os autores,

para argumentar, é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 18).

Examinar os esquemas de raciocínio do orador ao construir seus argumentos nos permite conhecer suas representações de um determinado objeto. Para Mazzotti (1998), a análise retórica é um dos instrumentos metodológicos mais adequados à exposição de representações sociais, permitindo conhecer, por meio dos argumentos defendidos pelo autor/orador, significados atribuídos por ele ao objeto em questão. Nas palavras de Perelman (1993, p. 55),

a escolha de certos elementos, sustentados e apresentados num discurso, trá-los para o primeiro plano da consciência, dando-lhes, com isso, uma *presença* que impede negligenciá-los.

Representações de trabalho docente antes da pandemia

Em estudos de representações sociais acerca de trabalho docente em cenário anterior à pandemia, identificamos a representação de **dedicação** como sendo recorrente, não apenas naturalizada na profissão enquanto vocação e dom, mas também assumindo uma significação específica, conforme pesquisa de Alves-Mazzotti (2008). A autora observa que, diferente de outras profissões, a dedicação como representação de trabalho docente está associada a significados vinculados ao

esforço despendido pelo professor para dar conta de uma multiplicidade de tarefas, muitas das quais ausentes em sua formação.

O conflito teoria *versus* prática se instaura no momento em que o professor se depara com o aluno real e suas muitas demandas, de fundo cognitivo, social, emocional e material. O trabalho docente, nesse sentido, não se resume ao conteúdo a ser ensinado, e o professor se vê diante da necessidade de desdobrar-se em diversos papéis não previstos em cursos de formação, como, por exemplo, o de psicólogo ou assistente social. A presença maciça de mulheres no ensino fundamental também responde pelo papel maternal, e pela representação de **cuidado** com o outro, estabelecendo representações em que imperam qualidades femininas, em oposição a qualidades masculinas.

Mazzotti (2010) observa que, em representações sociais de trabalho docente por grupos sociais antagônicos, diferentes significados prevalecem: de um lado, a valorização da cooperação, cuidado com o outro e bens culturais, e, de outro, a competência, a competição e a técnica. Para o grupo que defende em sua argumentação valores como cooperação e harmonia, a escola precisaria ser reformulada, priorizando tais valores em lugar da competência e da técnica.

Representações sociais de educação em 2020

Em 2020, o percurso escolar, até então tido como estável e previsível, foi abalado, e alguns autores, como Nóvoa e Alvim (2021a) e Gatti (2020), reforçaram a ideia de que a escola deveria repensar seus alicerces, engessados ao longo de séculos de história, afirmando que o contexto

pandêmico fornecia o pano de fundo favorável para tal mudança.

Em seus argumentos, os autores expõem o desejo de uma escola mais humana, revelando representações em que prevalece a cooperação em detrimento de competição. Tais representações de educação, expressas nas falas desses autores e em seus argumentos, remetem a representações de educação anteriores à pandemia, em que a necessidade de uma escola mais humana e menos competitiva já se fazia sentir:

Enseja-se um novo modo de lidar nas escolas com o ensino e a educação das novas gerações que aí estarão inseridas. Deixar velhos hábitos, buscar novos sentidos para a educação escolar e novos caminhos. Mudar horizontes e não reproduzir mais do mesmo e lamentar perdas em relação a um modelo escolar que pede por mudanças: um modelo com visões apenas imediatistas e competitivas (Gatti, 2020, p. 37).

A análise retórica nos permite ainda analisar a metáfora como figura de pensamento, capaz de orientar nossos pensamentos e ações. Nesse sentido, assemelha-se ao processo de objetivação e ancoragem das representações sociais, em que buscamos, em categorias familiares, significados que possam esclarecer o elemento não familiar no cenário social (Mazzotti, 1998). O processo de metaforização busca justamente, por meio da comparação entre entes de gênero e/ou espécie diferentes, encontrar, no foro da comparação, significados familiares capazes de explicar o objeto não familiar, ou tema.

Em materiais discursivos como artigos escritos em 2020/2021 e até mesmo na letra de uma canção composta em 2020, encontramos representações de trabalho docente instituídas em metáforas. No texto de Nóvoa e Alvim (2021b), a metáfora

conceitual “educação é construção” estrutura o conceito de “educação” em torno de outro conceito, “construção”. Assim, a educação do futuro requer construir pontes, novas pedagogias, novos ambientes escolares, sendo o professor o construtor da nova escola. Metáforas conceituais foram propostas por Lakoff e Johnson (2002) para mostrar como nosso sistema conceitual busca significar um conceito a partir de outro, segundo a cultura em que vivemos e o modo como experienciamos o mundo.

Na canção *Samba do Ensino Remoto* (Samba, 2020), a autora compara o ensino remoto a um maremoto, transferindo ao tema da comparação (ensino remoto) os significados conhecidos de um maremoto (deseestrutura, abalo, caos). A educação, em 2020, significou a deseestrutura do percurso escolar, e o ensino remoto é definido a partir do que conhecemos como maremoto em comparação a um mar de águas calmas. Trata-se de uma metáfora por transferência de significados, do familiar para o não familiar, entre entes de gênero e/ou espécie diferentes, conforme concepção aristotélica resgatada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996).

Moll, Sousa e Almeida (2022) comparam o processo de ensino-aprendizagem na pandemia à expressão metafórica “atravessar o rio”, uma empreitada empreendida por professores e alunos, sujeita a perigos, cujo propósito é salvar o aluno e fazê-lo chegar são e salvo ao outro lado da margem. Os significados atribuídos à travessia de um rio são transferidos ao processo de ensino-aprendizagem na pandemia, em que é necessário levar o aluno em segurança à outra margem, evitando que ele se perca ou seja excluído desse processo. Observa-

se, nesse contexto, a representação de “dedicação” no trabalho docente, expressa no esforço, por parte dos professores, para conduzir o aluno, com segurança, à outra margem.

Representações de futuro

Bauer e Gaskell (1999) acreditam que nossas representações têm uma projeção passada e futura. Elas são dinâmicas e podem ser modificadas ao longo do tempo. Assim, eles utilizam o modelo chamado *toblerone*, baseado no conhecido chocolate suíço, para exemplificar a ideia, mostrando que cada triângulo ao longo de sua base representa diferentes contextos sociais e momentos históricos, sendo o vértice superior o objeto representado, e os dois vértices inferiores, os diferentes grupos sociais e suas representações. Para Philogene (2002), construímos nossas representações de futuro, ou “representações antecipatórias”, de modo a controlar o futuro incerto e, conseqüentemente, nossos medos e anseios.

Como representações de futuro, os artigos de Nóvoa e Alvim (2021a) e Gatti (2020) nos propõem repensar a escola e o contexto educacional de forma mais humana e menos individualista ou competitiva, sendo preciso, para isso, reconstruí-la. Os autores operam a dissociação de noção do termo “escola”, em que o termo I – escola tradicional – não possui as qualidades superiores que apenas o termo II – escola nova – possui, priorizando, nessa dissociação, a cooperação em detrimento da competição. A metáfora conceitual (Lakoff; Johnson, 2002) “educação é construção”, em que o termo “educação” é estruturado em torno do termo “construção”, evidencia-se na linguagem utilizada

no texto de Nóvoa e Alvim (2021b). A escola do futuro, para esses autores, requer reconstrução, e a linguagem reforça essa metáfora, estruturando o conceito de “educação” em torno do conceito de “construção”: é necessário construir pontes, novos ambientes escolares e uma nova pedagogia, sendo o professor o grande “construtor” ou arquiteto dessa nova escola. A lição da pandemia, segundo esses autores, é a de que será preciso recomençar, construindo uma nova escola que atenda aos anseios da nova realidade escolar instaurada pela pandemia.

Considerações finais

Ao serem confrontados com uma nova realidade social em 2020, quando a pandemia de covid-19 provocou o fechamento de escolas em todo o país e no mundo, os professores se viram obrigados a dominar recursos tecnológicos pouco usuais em sua rotina escolar. O ensino remoto substituiu o ensino presencial de forma súbita e não planejada, e o trabalho docente foi impactado como nunca antes. O ensino remoto, como novo objeto social instaurado no contexto educacional, exigiu que os professores se familiarizassem com um novo instrumento de trabalho, sendo o trabalho docente diretamente impactado nesse novo cenário social.

Em materiais discursivos produzidos por diferentes autores, foi possível examinar, por meio da análise retórica como instrumento

metodológico, os esquemas de raciocínio que expõem representações sociais de educação, considerando representações de trabalho docente em estudos pré-pandêmicos, e representações de futuro constituídas a partir de 2020.

As representações de “dedicação” e “cuidado com o outro”, entendidas em sua significação específica, foram observadas em estudos anteriores à pandemia, bem como em representações de trabalho docente em 2020, quando os professores se empenharam para resgatar seus alunos da exclusão escolar propiciada pelo ensino remoto. Metáforas, como figuras de pensamento, buscam explicar o não familiar por meio de analogias familiares, como “o maremoto chamado ensino remoto” (Samba, 2020), ou por meio de expressões metafóricas, como “atravessar o rio”, implicando situação de risco para os alunos.

Em representações de futuro da educação pós-pandemia, autores como Gatti e Nova e Alvim argumentam em favor de uma escola nova, em oposição à escola tradicional, sendo possível expor, por meio da técnica retórica conhecida como *dissociação de noção*, a cisão do termo escola em termo I e termo II – escola tradicional x escola nova. As qualidades consideradas superiores são valorizadas no termo II – escola nova – em que vigora o desejo de uma escola mais humana, na qual prevaleça a cooperação e a harmonia em lugar da competência e da técnica.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. Representações do trabalho do professor das séries iniciais: a produção do sentido de “dedicação”. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 223, p. 522-534, 2008. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3712>. Acesso em: 16 jun 2022.

- BAUER, M.; GASKELL, G. Towards a paradigm for research on social representations. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 29, n. 2, p. 163-186, 1999.
- GATTI, B. A. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 29-41, dez 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.003>. Acesso em: 30 abr 2022.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- MAZZOTTI, Tarso B. Investigando os núcleos figurativos como metáforas. Jornada Internacional sobre Representações Sociais, I. CD-ROM. **Anais [...]**, Natal/RN, 1998.
- MAZZOTTI, Tarso B. Instituinto significados de “trabalho docente” por meio de dissociação de noções. **Nuances: estudos sobre Educação**. Ano XVII, v. 17, n. 18, p. 193-208, jan/dez 2010. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/765/786>. Acesso em: 28 abr 2022.
- MOLL, Sonja; SOUSA, Clarilza; ALMEIDA, Laurinda. Desafios de ser professor durante a pandemia. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 19, n. 58, p. 179-192, 2022. ISSN *online*: 2.238-1.279. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/10466/47968312>. Acesso em: 21 jan 2022.
- MOSCOVICI, Serge. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Tradução: Sonia Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 [1976].
- NÓVOA, A.; ALVIM, Y. Covid-19 e o fim da educação: 1870-1920-1970-2020. **Revista História da Educação**, v. 25, p. 1-19, 2021a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/110616>. Acesso em: 18 ago 2022.
- NÓVOA, A.; ALVIM, Y. C. Os professores depois da pandemia. **Educação & Sociedade**, v. 42, p. 1-16, 2021b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.249236>. Acesso em: 18 ago 2022.
- PERELMAN, Chaïm. **O Império Retórico**: Retórica e argumentação. Tradução de Fernando Trindade e Rui A. Grácio. Porto: Asa, 1993.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PHILOGENE, Gina. Sistemas de crenças e o futuro: A antecipação de coisas por vir. Tradução de Claudia Helena Alvarenga. **Psychologie & Société – Représentations et croyances**, France, v. 5, p. 111-120, dez 2002. Título original: Systems of beliefs and the future: the anticipation of things to come. Tradução não publicada, para uso escolar.
- SÁ, Celso. P. **A Construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- SAMBA do Ensino Remoto. Música: Felipe Bemol; Letra: Stella Maris Nicolau. Vídeo no canal do **Youtube** APUFSC Sindical (3min 22s). 12 nov 2020. Disponível em: <https://youtu.be/zssB1wkU2y0>. Acesso em: 18 nov 2020.